

Nesta fotografia, umas mãos masculinas ocupam grande parte da imagem. As mãos estão viradas para cima, com as palmas voltadas para a objetiva. Os dedos estão esticados para a parte inferior da imagem e os polegares estão virados para ambas as laterais da fotografia. Os dedos não têm anéis, mas a bracelete preta de um relógio espreita de dentro de uma manga no canto superior direito da imagem. Ambas as mãos têm linhas profundas nas palmas e rugas nos dedos, bem como entre o indicador e o polegar. Em segundo plano, conseguimos apenas perceber os vincos nas calças do homem. As rugas e os papos nas mãos mostram os sinais inconfundíveis da idade, mas não parecem frágeis nem vulneráveis, mas sim robustas, transmitindo uma força rija. A nudez e a posição acolhedora das mãos, com as palmas para cima e abertas, sugerem gentileza, bondade e sabedoria. Pertencem a Henrikus Davenschot Augustus, que tinha 100 anos no momento em que tirei esta fotografia na cidade de Vroomshoop, localizada no centro do município de Twenterand, na província neerlandesa de Overijssel. O meu nome é Humberto Tan, e além de ser apresentador de TV e rádio, sou também fotógrafo. Tirei esta fotografia das palmas voltadas de Henrikus com uma Canon EOS 5D Mark IV. Está inserida numa série maior em que fotografei 100 pessoas com 100 anos ou mais nos Países Baixos e no meu país de nascença, o Suriname, na América do Sul. A série chama-se "Amanhã será melhor", em homenagem a uma canção neerlandesa de 1939 cantada por Willy Derby. Escolhi o nome da série porque quando falei com pessoas como o Henrikus, reparei que a maioria era incrivelmente otimista e positiva, apesar de estarem no nosso planeta há mais de 100 anos. A canção capta esse positivismo na perfeição. [O Humberto cantarola a melodia] É mais ou menos assim que soa: mesmo otimista e positiva. As mãos dos idosos são uma curiosidade. Como verão nesta fotografia, as mãos do Henrikus estão notavelmente em boa forma, especialmente considerando a sua idade. Podem ter ficado enrugadas e com linhas mais profundas nas palmas, mas não têm lesões nem marcas e parecem mais fortes do que seria de esperar. Achei fascinante que, apesar de os anos deixarem marcas no resto do nosso corpo, as mãos mantêm muitas vezes a integridade durante mais tempo. Foi por isso que me lancei nesta série. Tirei três fotografias a cada pessoa na série: um retrato, uma imagem das mãos e outra que captasse a sua forma de vida. Também as entrevistei para saber mais sobre quem eram, quem foram e sobre as suas filosofias de vida e longevidade. Sobre o amor. Quando fotografei as pessoas nestas imagens, estavam física e mentalmente saudáveis, o que foi importante para as entrevistar. Acredito no poder dos idosos, e há muito tempo que me sinto interessado por eles e pela sabedoria que partilham. São muitas vezes esquecidos, prejudicados ou até marginalizados. E isso não está certo.

Quis retratar os idosos como merecem ser retratados: com respeito, para demonstrar as suas experiências e sabedoria com as quais todos podemos aprender.

Quando me sentei com o Henrikus e os restantes, perguntei-lhes as mesmas quatro perguntas: Quando foi o momento mais feliz da sua vida? Alguma vez teve medo na sua vida? Ainda sonha? O que lhe ensinou a vida? Para mim, esta série reenquadra a forma como vemos as pessoas mais velhas da nossa sociedade.

Mostra um grupo de pessoas fortes que vivem, pelo menos, há 100 anos e faz-nos perguntar: como é que conseguiram? Quais são os seus segredos? Têm segredos? Essas questões deram lugar a um livro decorativo nos Países Baixos e a uma exposição no Photomuseum em Maastricht, no sul dos Países Baixos.

Inevitavelmente, imagens como esta fazem-nos refletir sobre as nossas próprias vidas.

Como podemos envelhecer com tanta saúde como o Henrikus? Qual é o segredo da sua longevidade? O que podemos aprender de pessoas que são saudáveis aos 100 anos e mais além? Esta fotografia e toda a série são especiais para mim, pois aprendi muito com as pessoas que retratam.

Estas pessoas ensinaram-me sobre ser positivo, ser otimista, ser gentil e sentirmo-nos satisfeitos com o que já temos.

Tal como toda a gente, os idosos merecem a nossa bondade e respeito.

Não merecem ser alienados, ignorados nem marginalizados.

Não só porque são seres humanos, mas também porque há muito que podemos aprender com as experiências, a sabedoria e as atitudes daqueles que viveram 100 anos e até mais.

Por isso, ide falar com os vossos avós.

Perguntem-lhes quando foram felizes.

Perguntem-lhes se tiveram medo nas suas vidas.

Perguntem-lhes se ainda sonham.

Perguntem-lhes o que as suas vidas lhes ensinou.

E deixem-se inspirar.